

## COMPLICAÇÕES DA FAMÍLIA, SOLUÇÕES DA GRAÇA

### *Estudo 3 – Decisões complicadas*

Desde que H. G. Wells publicou “A Máquina do Tempo” (1895), um dos temas mais explorados pela ficção científica é a viagem no tempo. E, dentro desse tema, um dos tópicos mais interessantes é a voltar no tempo para mudar determinada atitude do passado, na tentativa de corrigir algum problema no presente. Um excelente exemplo é “Efeito Borboleta” (2004), no qual o protagonista tenta mudar atitudes do passado, mas a cada mudança um novo problema surge no presente. Não é muito fácil tomar sempre a decisão correta.

Você gostaria de poder prever todos os resultados de suas ações? Qual decisão do passado você mudaria hoje, já conhecendo suas consequências negativas?

A decisão mais marcante da vida de Abraão foi obedecer quando o Senhor lhe apareceu e lhe ordenou que saísse de sua terra, em direção a uma terra que não conhecia (Gn 12.1-4; Hb 11.8). Foi uma decisão acertada, impulsionada pela fé. Contudo, nem todas as decisões do patriarca foram tão felizes – como sair da terra prometida para o Egito, mentir sobre sua esposa e aceitar ter um filho com a serva de sua esposa (Gn 12.10-15; 16.2-4).

Mesmo já tendo orientações claras da parte de Deus, Abraão contrariou aquela primeira atitude de fé, e assim tomou decisões que geraram todo tipo de conflito familiar – conflitos que se estenderam por gerações (Gn 37.27,28; Jz 6.1,2).

Achando que a proximidade com seu abençoado tio era um impeditivo para seu crescimento, Ló se separou e escolheu a vida urbana nas cidades de Sodoma e Gomorra (Gn 13.10-13; 14.11,12). Aparentemente, suas decisões visavam à prosperidade de sua família (13.6,10; 19.9). Mas ele não sabia que estava expondo sua família a grandes perigos físicos e morais (14.11,12; 19.12,13).

Posteriormente, talvez querendo se prevenir de más experiências, como em Sodoma, ele resolveu se afastar da cidade e viver com suas filhas nos montes (Gn 19.30). Ló é uma triste lembrança de como podemos nos meter complicações, tomando decisões que, à primeira vista, parecem razoáveis.

Por outro lado, há também decisões que são tomadas sem nenhuma reflexão. Esaú cedeu seu direito de primogenitura a seu irmão caçula simplesmente porque estava faminto (Gn 25.29-34). Bem mais grave foi a atitude das filhas de Ló: já tendo absorvido os valores de Sodoma, decidiram dormir com o próprio pai para não ficarem sem descendentes (19.31-36). Grave também foi a decisão dos filhos de Jacó de se vingarem do estupro de sua irmã Diná, ignorando as tentativas de reparação e assassinando friamente todo um clã (Gn 34.7-13,15,25-29). A reação deles foi, além de impulsiva, desproporcional e cruel.

Algumas decisões são tomadas com o coração, mas nem por isso são justas. Rebeca planejou e apoiou a traição de seu filho preferido ao seu marido e ao seu primogênito (Gn 27.5-10). Isso iniciou uma divisão da qual sua família jamais se recuperou (Gn 36.9; Ez 25.12-14). Com a morte de seus dois filhos mais velhos, Judá estava obrigado pela *lei do levirato* a dar seu caçula à viúva para garantir a descendência; mas, querendo preservar o filho, ele ficou enrolando a mulher por anos (Gn 38.6-11; cf. Dt 25.5,6). Frustrada com a indiferença do sogro, ela obteve sua desejada descendência por meio de mentiras e incesto (38.14-18,24-26).

Como em qualquer casa, a família dos patriarcas era conduzida por homens e mulheres comuns, limitados e pecadores. Boa parte de suas decisões foram erradas, algumas desastrosas. Mas, assim como todas as histórias da Bíblia, a história dos patriarcas serve de contexto para aquilo que o Senhor está fazendo. Deus é o protagonista! No final, ele é quem decide e conduz nossa história.

Era claramente esta a percepção de José, vitimado por tantas atitudes de outros. Apesar de saber das motivações ímpias que motivaram as ações cruéis de seus irmãos no passado, e de ter agora o poder para revidar, ele decidiu perdoar e acolher sua família (Gn 50.15-21).

Por que manteríamos um registro preciso dos erros cometidos, por que cobraríamos uns dos outros as consequências de cada má decisão? Afinal, o próprio Deus “esquece” e “apaga” nossos erros e falhas (Is 43.25; Mq 7.18; Hb 8.12; 10.17)? E, no final, é ele inclusive que protege nossas famílias das consequências de nossas tolices (Gn 19.15,16; 20.3-7).

Também o pesado fardo de nossas más escolhas e decisões devemos depositar aos pés do Salvador (Mt 11.28).

#### APLICAÇÃO

Você fica muito angustiado a respeito de decisões que você tomou e que afetaram negativamente a vida de sua família? Você fica muito ansioso quando tem que tomar decisões que envolvem o futuro de sua família? O que esses sentimentos revelam sobre a sua confiança nos planos do Senhor?

Você costuma cobrar de seus familiares os erros cometidos no passado? Deus tem agido assim com você?

Pr. Alceu Lourenço